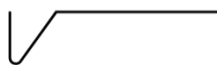


“Não nos deixeis cair em tentação”: uma análise sobre religião e virgindade no Brasil



Júlia Rajão Liboni Passos¹

Laura Maciel Freitas²

Resumo

Este artigo buscou investigar a associação entre religião e virgindade por meio da análise do envolvimento religioso de adolescentes (15 a 19 anos) e mulheres jovens (20 a 24 anos) que ainda não tiveram a primeira relação sexual. Ademais, almejou-se compreender as razões pelas quais essas mulheres nunca tiveram relações sexuais e de que forma a religião influencia essas motivações. Para isso, utilizaram-se dados da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Mulher e da Criança (PNDS), realizada em 2006. Os resultados encontrados sugerem que as mulheres de religiões protestantes, especialmente as pentecostais, apresentam um menor risco de perderem a virgindade na adolescência e juventude. Os dados também indicaram que as mulheres católicas são um grupo com menor chance de não terem se iniciado sexualmente na transição da adolescência para a juventude, além de frequentarem menos assiduamente às atividades religiosas nesse mesmo período. Além disso, verificou-se que o adiamento da vida sexual entre as católicas, as adeptas de outras religiões e as sem religião é explicado pelo fato de ainda não terem encontrado o parceiro certo. Por outro lado, as protestantes tradicionais e pentecostais afirmam que pretendem esperar até o casamento para terem relações sexuais. Esses resultados reforçam a importância de se aprofundar a compreensão acerca do impacto da religião no comportamento sexual de adolescentes e mulheres jovens.

Palavras-chave: religião; virgindade; comportamento sexual; adolescente.

Abstract

This article aimed to investigate the relation between religion and virginity through the analysis of religious involvement of adolescents (15 to 19 years old) and young women (20 to 24 years old) who never had their first intercourse. Furthermore, the article aimed to understand the reasons why they never had intercourse and how religion influences these motivations. For this purpose, we use data from the Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Mulher e da Criança (*National Demographic and Health of Women and Children*) of 2006. The results found indicate that Protestants, especially Pentecostals, have a lower risk of losing their virginity in adolescence and youth. The data also indicated that Catholics are less likely to have not started sexual life and to attend religious activities more assiduously in the transition from adolescence to youth. In addition, it was found that the postponement of sex life among Catholics, adherents of other religions and women with no religious is explained by the fact that they have not yet found the right partner. On the other hand, traditional Protestants and Pentecostals claim that they intend to wait until marriage to have sex. These results reinforce the importance of deepening understanding about the impact of religion on the sexual behavior of adolescents and young women.

Keywords: religion; virginity; sexual behavior; adolescents.

¹ Graduanda em Letras – Licenciatura pela Universidade Federal de Minas Gerais (juliarajão@hotmail.com).

² Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (lauramacielfreitas@outlook.com).

*Vigiai e orai, para que não entreis em tentação;
na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca.
(Mateus, 26:41)*

Introdução

Nas últimas décadas, observou-se nas sociedades mundiais profundas mudanças em relação às normas e valores relacionados à sexualidade, que desvincularam o sexo do casamento e romperam com o duplo padrão de moral sexual, que estimulava a atividade sexual dos homens e coibia às mulheres da vivência de sua sexualidade. Por conseguinte, presenciamos uma diminuição do valor da virgindade e uma antecipação da iniciação sexual (ALMEIDA, 2002; COUTINHO, 2010).

No Brasil, ao contrário dos países desenvolvidos, a primeira relação sexual das mulheres tem acontecido cada vez mais cedo. De acordo com a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde, de 1996, 33% das mulheres entre 15 a 19 anos responderam que já haviam tido a primeira relação sexual, enquanto os dados da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher, de 2006, revelaram que esta proporção aumentou para 55% (BEMFAM, 1996; BRASIL, 2009).

Entre um conjunto de fatores que influenciam a idade da primeira relação sexual, destaca-se o papel da religião. Há muito tempo, a literatura especializada reconhece a forte relação entre iniciação sexual adolescente e religião³. Tradicionalmente, aquelas que apresentam uma alta frequência às atividades religiosas possuem uma chance muito mais elevada de postergarem o início da vida sexual (COUTINHO; MIRANDA-RIBEIRO, 2014).

O presente estudo pretende contribuir para o debate, analisando a associação entre religião e virgindade. Desse modo, o objetivo principal é avaliar o envolvimento religioso das adolescentes (15 a 19 anos) e das mulheres jovens (20 a 24 anos) que nunca tiveram a primeira relação sexual. Além disso, almeja-se compreender por quais razões elas nunca tiveram relações sexuais e como a religião influencia nessas motivações.

³ O trabalho mais recente, realizado por Coutinho e Miranda-Ribeiro (2014), mapeou as literaturas nacional e internacional acerca da associação entre religião, religiosidade e iniciação sexual de adolescentes e jovens. A revisão bibliográfica sistemática buscou artigos publicados entre 1950 e 2014.

Após esta introdução, o artigo realiza uma breve exposição sobre as mudanças no panorama religioso no Brasil e os mecanismos de influência da religião sobre o comportamento sexual dos adolescentes e dos jovens. Na sessão seguinte, é apresentada a base de dados e a metodologia utilizada. Posteriormente, são analisados os resultados e, em seguida, registradas as principais discussões. Por fim, são tecidas as considerações finais.

1. Breve diálogo com a literatura

Os clássicos da sociologia, como Berger (2001), Mariz (2001) e Weber (2004), presumiam para o futuro da humanidade um “desencantamento do mundo”, em que a religião cederia espaço para a ciência. No entanto, o que se observou no cenário brasileiro, assim como ao redor do mundo, foi um fortalecimento da religião na esfera pública e privada. Desse modo, quando se refere a iniciação sexual adolescente, poucas são as variáveis que têm um impacto tão grande quanto a religião (COUTINHO, 2011).

Ao observarem a influência da religião na iniciação sexual pré-marital, Verona e Regnerus (2014) sugerem que a religião pode estar substituindo a família e a escola na comunicação sobre o comportamento sexual e reprodutivo dos adolescentes. Segundo os autores, a dificuldade da família e dos educadores para abordar assuntos relacionados à sexualidade e saúde reprodutiva tornaram as igrejas um dos poucos canais de informações sobre os temas, uma vez que elas fornecem regras de comportamento e um espaço para conversa e aprendizado.

Apesar de o catolicismo e o protestantismo serem veementes contra ao sexo pré-marital, Verona (2010), ao realizar entrevistas em profundidade com jovens mulheres de diferentes filiações religiosas, observa que as católicas tradicionais são menos propensas a adiar ou abster a vida sexual antes do casamento, quando comparadas com as protestantes. A autora ainda fornece uma informação mais instigante. As católicas carismáticas apresentam um comportamento sexual parecido com o das pentecostais. Para ela, isso está relacionado com a heterogeneidade no interior do catolicismo, que compreende tanto mulheres altamente religiosas e com opiniões conservadoras em relação ao sexo pré-marital, quanto mulheres com opiniões mais liberais e que nunca vão à igreja, compartilhando da visão de que o sexo pode ser feito antes do casamento.

Há muito tempo a tradição católica tem passado por um processo de flexibilização e variação de suas práticas religiosas, apresentando uma capacidade de ajustamento aos novos tempos. “Quando observada de perto, vemos como ela se abre e se permite diversificar, de modo a oferecer, em seu interior, quase todos os estilos de crença e de prática da fé existentes também fora do Catolicismo” (BRANDÃO, 2004, p. 282). Entretanto, nenhum ajustamento conseguiu salvar o catolicismo, *et pour cause*, de se tornar a religião que mais perde fiéis. A proporção de pessoas autodeclaradas católicas no país caiu de 92% em 1970 para 65% em 2010, enquanto a proporção de protestantes ascendia, no mesmo período, de 5% para 22% (ALVES; BARROS; CAVENAGHI, 2012)⁴.

Vale a pena lembrar as palavras de Flávio Pierucci em seu artigo “Bye bye, Brasil”:

More of the same, portanto: o catolicismo em declínio, os pentecostais e os sem religião em escalada. A diferença é que essas curvas agora se desenham de forma bem mais pronunciada, o ritmo ficou mais acelerado. Mais um capítulo, por conseguinte, apenas mais agitado, dessa interminável novela que já dura quase setenta anos. Mas não ainda o capítulo decisivo, ainda não. Para frustração de todos os que esperavam lances mais emocionantes, a nova cara religiosa do país ainda não veio à luz, a grande virada protestante ainda não se consumou, embora continue objetivamente prometida pela sequência dos dados, pela constância das tendências, pelas projeções mais conservadoras (PIERUCCI, 2004, p. 20-21).

Além da sua rápida expansão no território brasileiro, o protestantismo pentecostal se destaca por suas normas conservadoras em relação à sexualidade dos adolescentes e jovens solteiros, e por enfatizar palavras fortes como virgindade, castidade e pecado (COUTINHO, 2011). De acordo com Verona e Dias Júnior (2012), a forte relação das igrejas pentecostais com este grupo é fruto da heterogeneidade de recursos oferecidos no ambiente religioso, que abre um espaço para a atuação e envolvimento desta parcela da população. Dentro destes recursos, encontram-se os cultos de jovens e de namorados, cursos bíblicos, palestras sobre comportamento e saúde, viagens e outras atividades (VERONA; DIAS JÚNIOR, 2012).

Finalmente, é importante pontuar que, no Censo demográfico de 2010, o número total de adeptos de outras religiões⁵ no Brasil era de 9.830.025 pessoas (representando um

⁴ Para informações sobre as mudanças no panorama religioso no Brasil, ver Teixeira e Medeiros (2014).

⁵ Inclui as seguintes religiões: espiritismo, espiritualismo, umbanda, candomblé, judaísmo, budismo, outras religiões orientais, islamismo, hinduísmo, esoterismo, tradições indígenas, entre outras.

percentual de 5,2% do total da população residente no país)⁶. Como consequência, não são muitos os autores que traçam considerações a respeito da iniciação sexual deste grupo. Uma das poucas exceções é encontrada em Paiva *et al.* (2008), que indicam uma tolerância em relação ao sexo pré-marital entre as adolescentes espíritas e adeptas das religiões afro-brasileiras, e em Setton (2008), que mostra uma alta valorização da virgindade e a crença das jovens judias, especialmente as ortodoxas, de que o ato sexual sem a cerimônia de casamento é promíscuo e imoral.

2. Fontes de dados e metodologia

A fonte de dados utilizada neste estudo foi a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher (PNDS), realizada em 2006. A PNDS 2006 foi financiada pelo Ministério da Saúde e coordenada pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), em articulação com quatro instituições parceiras e com a participação de pesquisadores especialistas nos campos temáticos de estudo, tendo o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) como executor do trabalho de campo (BRASIL, 2009).

Em relação ao tamanho amostral e cobertura, foram aplicados questionários face a face junto às mulheres, a partir de amostragem probabilística complexa, com representatividade para as cinco macrorregiões brasileiras e o contexto urbano e rural do país. Ao final, foram coletadas informações de 14.617 domicílios. O tamanho da amostra das mulheres de 15 a 49 anos consideradas como elegíveis e entrevistadas foi de 15.575, assim como foram recolhidos dados sobre 5.056 crianças menores de cinco anos (BRASIL, 2009).

A PNDS 2006 descreveu o perfil das mulheres de 15 a 49 anos e dos menores de cinco anos, e as mudanças ocorridas em relação à saúde e nutrição de ambos nos últimos dez anos. Além disso, a população feminina foi questionada sobre sua história sexual e reprodutiva (BRASIL, 2009).

Por se tratar de um estudo sobre religião e virgindade, as mulheres que não responderam à questão sobre sua religião, sua frequência religiosa e/ou a idade da sua

⁶ Dados verificados pelas autoras no Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 04 junho 2020.

primeira relação sexual foram excluídas da análise. Essas somaram 10, ou menos de 1% da amostra.

Após o recorte, a primeira amostra deste estudo iniciou-se com 2.828 mulheres entre 15 a 24 anos, sendo 1.871 mulheres com idade entre 15 a 19 anos e 957 mulheres entre 20 a 24 anos. A amostra final, que incluiu somente mulheres que ainda não se iniciaram sexualmente, totalizou-se em 1.229 mulheres entre 15 a 19 anos e 293 mulheres entre 20 a 24 anos.

A decisão de analisar as mulheres de 20 a 24 anos se deve à tentativa de investigar se a influência da religião e religiosidade no adiamento da iniciação sexual entre as jovens se difere das adolescentes, uma vez que elas saíram da adolescência sem nunca terem tido a primeira relação sexual.

A primeira relação sexual da mulher está baseada na resposta da pergunta “Que idade tinha quando teve relações sexuais (sexo com penetração vaginal, ou anal ou sexo oral) pela primeira vez, mesmo que tenha sido com mulher?”. A recategorização foi feita da seguinte forma: (1) nunca teve relações sexuais e (2) já teve relações sexuais.

A participação religiosa na PNDS 2006 combinou as sete categorias de resposta: (1) católicas, (2) protestantes tradicionais⁷, (3) protestantes pentecostais⁸, (4) espíritas, (5) afro-brasileiras, (6) outras religiões e (7) nenhuma religião. O grupo formado pelas outras religiões é composto por muçulmanas, judias, budistas, hinduístas, adeptas das tradições indígenas, entre outras. Além das mulheres “sem declaração” e que não sabem a religião pertencente. Devido à participação pouco expressiva de seguidoras do espiritismo e adeptas das religiões afro-brasileiras, ambas filiações religiosas foram agregadas na categoria outras religiões.

O envolvimento religioso, avaliado por meio da frequência às atividades religiosas como cultos, missas e celebrações, foi recategorizado em quatro grupos: (1) uma ou mais vezes por semana, (2) menos de uma vez por semana, (3) menos de uma vez por mês e (4) nunca. Na PNDS 2006 há um quesito (número 509) que pergunta às mulheres que ainda não se iniciaram sexualmente quais as razões que melhor explicam por que elas nunca

⁷ Os evangélicos tradicionais são membros de igrejas que surgiram com a reforma Protestante no século XVI, incluindo os anglicanos, presbiterianos e batistas.

⁸ Os evangélicos pentecostais são membros de igrejas que enfatizam os dons do Espírito Santo e que surgiram no início do século XX. As principais igrejas incluem a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil.

tiveram a primeira relação sexual. Há 7 respostas possíveis e existe a possibilidade de a mulher indicar mais de uma delas como verdadeira. Devido à pequena proporção em algumas respostas, este estudo considerou apenas três categorias: (1) falta de vontade, (2) não encontrou o parceiro certo e (3) pretende se casar virgem.

Este artigo possui algumas limitações metodológicas decorrentes dos dados utilizados. A primeira limitação é a impossibilidade de identificação dos movimentos dentro da Igreja Católica como, por exemplo, a Renovação Carismática Católica, os Pastorais da Juventude, as Novas Comunidades e os Novos Movimentos Eclesiais (SILVA, 2015). A segunda limitação é a dificuldade de medir a religiosidade do indivíduo através da denominação religiosa e da frequência às atividades religiosas. Neste caso, os dados da PNDS 2006 não fornecem variáveis multidimensionais para medir a religiosidade, como distribuição de panfletos, leitura da bíblia, oração diária e evangelização de pessoas na rua (COUTINHO, 2011).

A terceira limitação refere-se à natureza transversal dos dados da PNDS 2006, que não informam o histórico religioso das entrevistadas. Desse modo, é impossível saber, por exemplo, qual era a filiação religiosa da entrevistada no momento da sua primeira relação sexual. Assim, não é possível saber se há mulheres que ainda não se iniciaram sexualmente e que migraram para outra filiação religiosa ou se há mulheres que passaram por um processo de desfiliação religiosa após a primeira relação sexual.

Por fim, convém assinalar que a PNDS 2006 não permite a diferenciação entre a primeira relação sexual voluntária e não consentida – por meio de força, ameaça ou incapacidade – que, diga-se de passagem, pode acontecer com meninas de todas as religiões. Segundo Coutinho (2011), após uma violência sexual, as meninas podem reportar que já tiveram a primeira relação sexual, contribuindo para o aumento das estatísticas de mulheres sexualmente iniciadas, quando, na verdade, elas eram virgens no momento do estupro.

Os dados foram incorporados e analisados com o software STATA versão 13.0 (Stata Corp., College Station, Estados Unidos). Todos os procedimentos que envolveram seres humanos na PNDS 2006 foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Referência e Treinamento DST/Aids da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo (3/10/2005, Protocolo número 029/05) e os seus dados se encontram em domínio público.

3. Resultados

A Tabela 1 apresenta a distribuição da amostra conforme a filiação religiosa, segundo primeira relação sexual, para mulheres de 15 a 24 anos no Brasil. Os resultados encontrados confirmam que as adolescentes protestantes pentecostais apresentam maiores percentuais em relação ao adiamento da primeira relação sexual (78,9%). Os dados também indicam um comportamento sexual semelhante entre as adolescentes católicas e as protestantes tradicionais, assim como entre as adolescentes sem religião e as de outras religiões.

Ao mesmo tempo, percebe-se um menor percentual no adiamento da primeira relação sexual entre as jovens, independentemente da categoria religiosa. O maior percentual de jovens que ainda não se iniciaram sexualmente continua sendo entre as protestantes pentecostais (54,8%), seguido pelas protestantes tradicionais (43,5%). Neste grupo etário também se observa um comportamento sexual semelhante entre as jovens católicas e as de outras religiões. Por fim, como apresenta a literatura, o menor percentual de jovens que ainda não se iniciaram sexualmente encontra-se entre as sem religião (15,2%).

Há uma discrepância entre as protestantes tradicionais e as protestantes pentecostais, sendo de 10 pontos percentuais entre as mulheres de 15 a 19 anos e 11 pontos percentuais entre as mulheres de 20 a 24 anos.

Tabela 1 – Distribuição percentual das mulheres de 15 a 24 anos por filiação religiosa, segundo primeira relação sexual. Brasil, 2006.

Idade	Filiação religiosa	Nunca teve relações sexuais	Já teve relações sexuais ¹	Total
15 – 19 anos	Católica	65,1	34,9	100,0
	Protestante Tradicional	68,9	31,1	100,0
	Protestante Pentecostal	78,9	21,1	100,0
	Outras Religiões	54,7	45,3	100,0
	Nenhuma	53,9	46,1	100,0
20 – 24 anos	Católica	28,6	71,4	100,0
	Protestante Tradicional	43,5	56,5	100,0
	Protestante Pentecostal	54,8	45,2	100,0
	Outras Religiões	23,3	76,7	100,0
	Nenhuma	15,2	84,8	100,0

Fonte: Ministério da Saúde. Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher 2006.

¹ Esta categoria considerou a iniciação sexual pré-marital. Desse modo, apenas mulheres solteiras iniciadas sexualmente foram selecionadas.

A Tabela 2 apresenta a distribuição da amostra conforme a filiação religiosa, segundo frequência em cultos e cerimônias religiosas, para mulheres de 15 a 24 anos. Os resultados encontrados indicam que a maior parte das mulheres de 15 a 19 anos com alguma filiação religiosa que ainda não tiveram relações sexuais frequentam os cultos e cerimônias religiosas uma ou mais vezes por semana, especialmente as protestantes pentecostais (88,9%). É interessante notar que as adolescentes de outras religiões que ainda não se iniciaram sexualmente participam mais assiduamente das atividades religiosas (65,7%) do que as adolescentes católicas não sexualmente iniciadas (46,6%).

Ao comparar os grupos etários, percebe-se que as mulheres de 20 a 24 anos que ainda não tiveram relações sexuais, independentemente da categoria religiosa (exceto as católicas), participam com maior frequência aos cultos e cerimônias religiosas, quando comparadas com as mulheres de 15 a 19 anos não sexualmente iniciadas. Percebe-se também um elevado percentual de jovens protestantes pentecostais sexualmente não iniciadas que frequentam as atividades religiosas uma ou mais vezes por semana (97,6%).

Os resultados também revelam que, à medida que ocorre a transição da adolescência para a juventude, há um aumento expressivo da frequência de participação religiosa por mulheres de outras religiões que ainda não deram início à vida sexual (de 65,7% para 80,0%). Também há indícios de que, entre as mulheres não sexualmente iniciadas com alguma filiação religiosa, as católicas são aquelas que participam com menor frequência das missas e celebrações, independentemente do grupo etário.

Tabela 2 – Distribuição percentual das mulheres de 15 a 24 anos não iniciadas sexualmente por filiação religiosa, segundo frequência em cultos e cerimônias religiosas. Brasil, 2006.

Idade	Filiação religiosa	1 ou + vezes por semana	– 1 vez por semana	– 1 vez por mês	Nunca	Total
15 – 19 anos	Católica	46,6	21,3	21,5	10,6	100,0
	Protestante Tradicional	73,6	12,5	13,2	0,7	100,0
	Protestante Pentecostal	88,9	7,2	2,6	1,3	100,0
	Outras Religiões	65,7	14,3	14,3	5,7	100,0
	Nenhuma	7,8	6,7	15,5	70,0	100,0
20 – 24 anos	Católica	39,4	22,3	24,0	14,3	100,0
	Protestante Tradicional	86,0	8,0	6,0	0,0	100,0
	Protestante Pentecostal	97,5	0,0	2,5	0,0	100,0
	Outras Religiões	80,0	10,0	10,0	0,0	100,0
	Nenhuma	0,0	5,9	35,3	58,8	100,0

Fonte: Ministério da Saúde. Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher 2006.

A Tabela 3 apresenta a distribuição da amostra conforme a filiação religiosa, segundo razões apresentadas para nunca terem tido a primeira relação sexual, para mulheres de 15 a 24 anos.

Na adolescência, a falta de vontade de ter relações sexuais apresenta maiores percentuais entre as protestantes pentecostais (77,1%), enquanto os menores percentuais são observados entre as adeptas de outras religiões (60,0%), seguido das católicas (61,7%). Na juventude, há uma diminuição percentual entre todas as denominações religiosas, mas os resultados se invertem: as católicas apresentam os maiores percentuais (26,3%) e as protestantes pentecostais apresentam os menores (17,5%). Ademais, as jovens protestantes tradicionais e de outras religiões apresentam, na juventude, o mesmo percentual (20,0%).

Não ter encontrado o parceiro certo apresenta maiores percentuais entre as mulheres sem religião (32,2% das adolescentes e 41,2% das jovens). Também se observa os menores percentuais entre as adolescentes protestantes tradicionais (13,8%) e entre as jovens protestantes pentecostais (12,0%).

A pretensão de se casar virgem é a categoria que apresenta as maiores diferenças. Enquanto na adolescência o maior percentual é observado entre as protestantes pentecostais (55,6%), na juventude o maior percentual se encontra entre as protestantes tradicionais (64,0%). Apesar da diferença intrarreligiosa, as protestantes continuam tendo os maiores e mais expressivos percentuais na pretensão de preservarem a virgindade para o casamento, independentemente do grupo etário. Por fim, ao comparar os grupos etários, nota-se que o maior aumento percentual ocorre entre as mulheres de outras religiões (de 25,7% para 40,0%).

Tabela 3 – Distribuição percentual de mulheres de 15 a 24 anos por filiação religiosa que concordam com cada uma das razões apresentadas para nunca terem tido a primeira relação sexual. Brasil, 2006.

Idade	Filiação religiosa	Falta de vontade	Não encontrou o parceiro certo	Pretende se casar virgem	Total
15 – 19 anos	Católica	61,7	24,5	25,4	100,0
	Protestante Tradicional	71,5	19,4	43,7	100,0
	Protestante Pentecostal	77,1	13,8	55,6	100,0
	Outras Religiões	60,0	22,9	25,7	100,0
	Nenhuma	65,6	32,2	18,9	100,0
	Católica	26,3	38,3	33,7	100,0

20 – 24 anos	Protestante Tradicional	20,0	12,0	64,0	100,0
	Protestante Pentecostal	17,5	27,5	57,5	100,0
	Outras Religiões	20,0	20,0	40,0	100,0
	Nenhuma	41,2	41,2	23,5	100,0

Fonte: Ministério da Saúde. Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher 2006.

4. Discussão

O estudo pioneiro publicado em 1953 por Kinsey e colaboradores sobre sexualidade feminina já argumentava que a religião poderia estar associada à iniciação sexual pré-marital (Kinsey *et al.*, 1953). Ao longo das décadas, essa hipótese foi sendo confirmada por vários autores e a religião passou a ser considerada um dos principais fatores culturais que afetam o comportamento sexual dos adolescentes e jovens (VERONA, 2011).

Semelhante com os achados da literatura, os resultados encontrados neste estudo mostraram que as mulheres protestantes, especialmente as pentecostais, apresentam um menor risco de perder a virgindade na adolescência e juventude (COUTINHO; MIRANDA, 2014). No entanto, os percentuais diminuíram ao longo do tempo, tornando-se menor a chance de as pentecostais solteiras saírem da juventude sem nunca terem tido a primeira relação sexual. Percebe-se, assim, que a influência da religião sobre o comportamento sexual das mulheres é muito mais forte na adolescência do que na juventude.

Os resultados deste estudo também indicaram que a maioria das adolescentes e jovens católicas tende a ser mais liberal. Ao comparar os grupos etários, observou-se que as católicas apresentam a menor chance de permanecerem virgens e de participarem mais assiduamente das missas e cerimônias religiosas na transição da adolescência para a juventude. Como bem argumentou Coutinho (2011), a maioria das católicas vive sua religiosidade sem participar das atividades religiosas e sem levar em consideração os ensinamentos do Vaticano sobre o sexo pré-marital.

À luz destas constatações, chama a atenção o fato de que, durante a adolescência, as católicas apresentam um comportamento sexual parecido com o das adolescentes protestantes tradicionais. Já na juventude, este comportamento é semelhante com o das jovens de outras religiões, que, apesar de agrupar mulheres mais conservadoras

(muçulmanas e judias), também agrupa mulheres mais liberais (espíritas, umbandistas e candomblecistas).

Os resultados encontrados também oferecem indícios de que as mulheres jovens que nunca tiveram a primeira relação sexual (exceto as católicas) participam com maior frequência das atividades religiosas, quando comparadas com as adolescentes não iniciadas sexualmente. Estes achados sugerem que as jovens que ainda não iniciaram a vida sexual tendem a ter um maior envolvimento religioso, principalmente por sentirem a importância da religião em sua vida. Ainda é preciso salientar que, por estarem colocando em prática a castidade (semelhança com a Virgem Maria), considerada como um dos maiores valores religiosos, por um período mais longo, o comportamento sexual das jovens pode afetar seu engajamento religioso, sobretudo por se sentirem cada vez mais dignas de pertencerem a sua religião.

No que se refere às razões que melhor explicam por que as mulheres nunca tiveram a primeira relação sexual, convém ressaltar que a resposta “falta de vontade” pode sofrer algumas limitações. Uma delas é a possibilidade de as entrevistadas omitirem a resposta, principalmente as altamente religiosas, por vergonha de dizer que já sentiram desejo de ter relações sexuais. Outra limitação é o fato de o desejo sexual ser um componente biológico e sofrer influências internas e externas⁹. Mesmo com tais limitações, os resultados aqui apresentados são instigantes, uma vez que se evidencia um menor percentual entre as mulheres jovens protestantes pentecostais. Isto significa que elas permanecem virgens mesmo sentindo desejos sexuais, ou seja, continuam a lutar contra as tentações, o que não acontece com as meninas do “mundo secular” ou até mesmo com suas “irmãs” (protestantes tradicionais), como mostraram os resultados encontrados por este estudo.

Por último, este estudo revelou que o adiamento da primeira relação sexual entre as católicas, as adeptas de outras religiões e as mulheres sem religião é explicado por ainda não terem encontrado o parceiro certo. Tais resultados corroboram os achados de Simão (2005). Em sua tese, a autora identifica que uma das maiores preocupações das mulheres com a perda da virgindade está relacionada à possibilidade de encontrarem um parceiro que confiem e que tenham mais afinidade. Desta forma, ainda que os líderes religiosos

⁹ Uma referência mais específica sobre a falta de vontade de ter relações sexuais pode ser encontrada em Martins e Carlos (2017).

ênfatem que a atividade sexual deve acontecer apenas no casamento, percebe-se que este grupo não se deixa levar por essa moral religiosa¹⁰.

Já a pretensão de se casarem virgens ficou explícita nos resultados das protestantes tradicionais e pentecostais. É justamente através de noções como escolha, pureza e pecado que as igrejas evangélicas têm estimulado a valorização da virgindade entre seus membros e mostrado como é importante que as relações sexuais aconteçam só depois do matrimônio, pois esse é o “atestado maior de responsabilidade do jovem para com Deus e para com a Igreja” (RIOS *et al.*, 2008, p. 677).

Este resultado, no entanto, deve ser interpretado com cautela. É importante destacar que outros fatores podem estar influenciando o maior percentual de preservação da virgindade para o casamento entre as protestantes. É possível, por exemplo, que as mulheres que pretendem esperar até o casamento para iniciar a vida sexual se sintam mais acolhidas e compreendidas dentro das igrejas evangélicas. Segundo Bellotti (2019), o século XXI inicia-se com um cenário de maior liberdade sexual, o que permitiu à juventude ocidental uma maior facilidade para praticar o sexo, seja dentro do namoro ou casualmente. Como consequência, as mulheres que se dispõem a continuar virgens até o casamento podem se sentir pressionadas pelas amigas em relação à perda de virgindade ou distantes da turma de colegas (SIMÃO, 2005). Desse modo, o ambiente religioso se torna não apenas um espaço favorável para que elas mantenham suas preferências em relação ao comportamento sexual, mas também de acolhimento e afetividade. Ou seja, pela primeira vez estas meninas passam a estar no mundo, sem ser parte dele (HENDERSHOT, 2010; VERONA; DIAS JÚNIOR, 2012).

Considerações finais

As análises realizadas neste artigo mostraram que as protestantes, especialmente as pentecostais, apresentam um menor risco de perderem a virgindade na adolescência e juventude. Os resultados também indicaram que as católicas têm uma menor chance de

¹⁰ Importante ressaltar que nos estudos qualitativos de Silva *et al.* (2005), os pais e mães das religiões afro-brasileiras argumentaram que o período ideal para o início da vida sexual está associado a uma maturidade e autonomia.

permanecerem virgens e de participarem mais assiduamente das missas e cerimônias religiosas na transição da adolescência para a juventude.

As razões pelas quais as mulheres nunca tiveram relações sexuais espelharam as normas e valores das diferentes religiões e o modo que cada grupo religioso vive sua religiosidade. De modo geral, as católicas, as adeptas de outras religiões e as sem religião afirmam que ainda não tiveram a primeira relação sexual porque não encontraram o parceiro certo. Já as protestantes tradicionais e pentecostais explicam que pretendem esperar até o casamento para começar a vida sexual.

Os resultados encontrados neste estudo reforçam a importância de se aprofundar a compreensão acerca da influência da religião na iniciação sexual. Sugere-se, portanto, a produção de dados atualizados e com informações longitudinais (prospectivas ou retrospectivas) que possibilitem pesquisas futuras sobre os diversos impactos da religião no comportamento sexual das adolescentes e das mulheres jovens. Como argumenta Verona:

Among the many factors that may affect adolescent sexual and reproductive behavior in Brazil, religion deserves further consideration, not simply because this country has experienced tremendous change in its religious landscape during the last four decades, but also both because religion is a primary socialization agent of adolescents, and because sexual activity is a sphere of human behavior considered high in religious applicability (VERONA, 2010, p. 1-2).

Referências

- ALMEIDA, Margareth Aparecida Santini de. *Gravidez adolescente: a diversidade das situações*. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 19, n. 2, p. 197-207, 2002.
- ALVES, José Eustáquio Diniz; BARROS, Luiz Felipe Walter; CAVENAGHI, Suzana. *A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia*. REVER-Revista de Estudos da Religião, v. 12, n. 2, p. 145-174, 2012.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. *“Quanto mais santidade melhor”: campanhas midiáticas de pureza sexual (1990-2010)*. Reflexão, v. 44, p. 1-17, 2019.
- BEMFAM. *Pesquisa nacional sobre demografia e saúde*. Rio de Janeiro: Bemfam, 1996.
- BERGER, Peter. *A dessecularização do mundo: uma visão global*. Religião e sociedade, v. 21, n. 1, p. 9-23, 2001.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Fronteira da fé: alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje*. Estudos Avançados, v. 18, n. 52, p. 261-288, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e*

da Mulher – PNDS 2006: dimensões do processo reprodutivo e da saúde da criança. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 300p. (Série G. Estatística e Informação em Saúde).

COUTINHO, Raquel Zanatta. *A carne é fraca: religião, religiosidade e iniciação sexual entre estudantes do Ensino Médio na Região Metropolitana de Belo Horizonte*, 2008. 2011. 183 f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

_____; MIRANDA-RIBEIRO, Paula. *Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude: lições de uma revisão bibliográfica sistemática de mais de meio século de pesquisas*. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 31, n. 2, p. 333-365, 2014.

HENDERSHOT, Heather. *Shaking the world for Jesus: Media and conservative evangelical culture*. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *SIDRA. Sistema IBGE de Recuperação automática*. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 junho 2020

KINSEY, Alfred E.; POMEROY, Wardell B.; MARTIN, Clyde E.; GEBHARD, Paul H. *Sexual Behavior in the Human Female*. Philadelphia: Saunders, 1953.

MARIZ, Cecília Loreto. *Secularização e dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger*. Religião e sociedade, v. 21, n. 1, p. 25-39, 2001.

MARTINS, Geiza; CARLOS, Tânia. *Sem vontade de transar? Conheça as causas da falta de libido*. Revista GLAMOUR, São Paulo, 28 agosto 2017. Disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2017/08/sem-vontade-de-transar-conheca-causas-da-falta-de-libido.html>>.

Acesso em: 31 maio 2020.

PAIVA, Vera; ARANHA, Francisco; BASTOS, Francisco I. *Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005*. Revista de Saúde Pública, v. 42, p. 54-64, 2008.

RIOS, Luís F.; PAIVA, Vera; MAKSUD, Iva; OLIVEIRA, Cinthia; CRUZ, Claudia M.S.; CRUZ, Cristiane G.; JUNIOR, Veriano T.; PARKER, Richard. *Os cuidados com a “carne” na socialização sexual dos jovens*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 4, p. 673-682, 2008.

SETTON, Marcia Zalcmán. *De mãe para filha: um estudo sobre a transmissão intergeracional dos significados atribuídos pelas mulheres judias à sexualidade feminina*. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVA, Cristiane Gonçalves da; SANTOS, Alessandro Oliveira; LICCIARDI, Daniele Carli; PAIVA, Vera. *Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez*. Psicologia em Estudo. v.13, n.4, p. 683-692, 2008.

SILVA, Karla Juliana Onofre da. *Iniciação sexual, primeira união e o nascimento do primeiro filho entre as jovens católicas no Brasil, 1996-2006*. 2015. 145 f. Dissertação (Mestrado

em Demografia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SIMÃO, Andréa Branco. *A Primeira Relação Sexual, o Primeiro Casamento e o Nascimento do Primeiro Filho: um estudo quantitativo e qualitativo de duas coortes de mulheres em Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Demografia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

PIERUCCI, Antônio Flávio. "Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos avançados*, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

TEIXEIRA, Fautino; MENEZES, Renata. *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Editora Vozes Limitada, 2014.

VERONA, Ana Paula de Andrade. *Sexual Initiation and Religion in Brazil*. 2010. 188 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - University of Texas at Austin, Texas, Austin, 2010.

_____. *Explanations for religious influence on adolescent sexual behavior in Brazil: direct and indirect effects*. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 28, n. 1, p. 187-201, 2011.

_____; DIAS JÚNIOR, Cláudio Santiago. *Religião e fecundidade entre adolescentes no Brasil*. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 31, p. 25-31, 2012.

_____; REGNERUS, Mark. *Pentecostalism and premarital sexual initiation in Brazil*. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 31, n. 1, p. 99-115, 2014.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.